

TRÊS HISTÓRIAS PARA TV

TEOBALDO LANDIM

Os alunos da disciplina "Telejornalismo I" realizaram um trabalho dos mais notáveis: elaboraram, dentro de roteiros técnicos, três histórias para televisão. A partir da disciplina "Introdução às Técnicas de Comunicação", também sob nossa responsabilidade, os estudantes já começam a entrar em contato com o ambiente profissional de trabalho, verificando como se elabora um roteiro — seja de telejornalismo, seja de uma telenovela — como funciona um tape, o contato com o "suite", captando o funcionamento de uma mesa de corte. Graças a esta base inicial, quando chegam à disciplina "Telejornalismo I", já nas primeiras aulas, em maior profundidade e de natureza específica, firmam condições para um aprendizado mais eficiente, bem mais ordenado.

Passa-se, então, a explorar, notadamente, a criação de situações-problemas, ao invés de se engajar na memorização. Mais do que em qualquer outro setor de atividade no campo dos meios de comunicação, a televisão é essencialmente criatividade — a sua matéria-prima é o talento e nada mais — o talento criativo. Organizamos a turma de 16 alunos em três equipes, mostrando a estrutura de como se contar uma história, os aspectos relativos aos

diálogos — o jogo de imagem substituindo o falatório e, enfim — ao invés de se dizer o que acontece na sala de visita, eles aprenderam que, utilizando aquele mesmo jogo de imagem e o foco visual de interesse, devemos mostrar o que ali acontece.

Reconheço que nos outros anos não chegamos a um trabalho de tal envergadura, orientando em todos os pontos da criação da história. Ficamos mais no telejornalismo, preparando programas informativos simulados, como já se disse, pela ausência de equipamentos. Este ano, entretanto, contamos com um apoio excelente que nos possibilitou um avanço considerável em torno dos aspectos práticos da televisão, formando não apenas o jornalista para TV, mas o homem de televisão com uma tintura especial do Realizador, do Produtor através de equipes de criação. Este trabalho somente foi possível porque os professores Alencar Araripe, Chefe do Departamento, e Faria Guilherme, Coordenador, sentiram as necessidades e atenderam à nossa reivindicação: deslocaram a professora Célia Lúcia Figueiredo de Girão Maia para auxiliar naquele trabalho.

Professora concursada, Célia veio da própria estrutura do Curso como uma das suas melhores alunas. Acompanhou ela todas as histórias, reformulou as partituras técnicas e mudou aspectos de dialogação para não confundir televisão com teatro. Um trabalho que honra a nova mentalidade educativa de nível superior.

Hoje, vamos publicar a primeira história: POR CAUSA DE LINA, elaborada pela equipe comandada por Geraldo Jesuíno e integrada por Frederico Fontenele Farias, Inês Aparecida, Ana Maria do Vale, José Airton Bastos e Ronald Machado. Vamos ler a história, mas com os cuidados especiais de acompanhar as imagens, observando a parte de vídeo.

POR CAUSA DE LINA

PARTE 1

Comportamento e Áudio

VÍDEO

PGA

Aproximando

PM

Uma Kombi se move em uma estrada de terra que margeia um pequeno bosque.

A Kombi cheia de crianças. Começa-se a ouvir o ruído do motor e vozes de crianças cantando.

— Meu pintinho amarelinho, amarelinho...

Cabe aqui na minha mão...

Na minha mão...

CORTE

....

Interior da Kombi.

PM

O motorista é uma moça louira que canta com as crianças. Uma delas pára de cantar e diz:

— Fessora: Tô com calor.

MOÇA — Venha aqui pra frente com titia que o calor passa.

DIÁLOGOS SOLTOS

— Eu também quero ir!

— Não! Sai! Sou eu!

MOÇA — Calma. Um de cada vez. Primeiro o Ricardinho.

CORTE

Um homem forte e aparentando 40 anos, em roupa esporte, de braços sobre um portão de madeira, na cerca que separa o bosque da estrada, olha em direção à Kombi.

PM

Afastar para PGA
ligando o homem
à Kombi

O homem em silêncio observa a Kombi que, de repente, diminui ainda mais a marcha, sai do centro e pára no acostamento.

CORTE

A moça desce da Kombi, logo seguida pelas crianças e examina o pneu. Está seco.

PA da moça, afastando-se para mostrá-la com o pneu

MOÇA — Essa não! Logo agora! E logo o pneu novo!

CRIANÇA I — Titia o pneu emagreceu.

	MOÇA — Foi. Quem não se alimenta direito fica magro como o pneu.
	CRIANÇA II — Vamos fazer outro piquenique?
	MOÇA — Não, Beto, vamos mudar o pneu. Olhe ali na frente tem um homem. Vamos ver se ele pode ajudar a gente?
	A moça sai em direção ao homem acompanhada pelas crianças.
PM da moça parando junto ao homem e aproxima os dois	A moça chega junto ao homem.
	MOÇA — Boa tarde.
	HOMEM — Boa. Algum problema?
	MOÇA — É! Um pneu furou.
	HOMEM — E você quer uma mãozinha?
	MOÇA — Se for possível!
	HOMEM (Abrindo a porteira) — Claro que é! A gente troca isto fácil.
CORTE PA	Homem abrindo o porta-malas e batendo no pneu.
	HOMEM — O estepe está seco.
CORTE GP	Moça levando a mão direita à cabeça.
	MOÇA — E agora?
CORTE PG da cena	A garotada rodeia o carro.
	HOMEM — o jeito é mandar consertar.
	MOÇA — Como? Onde?
	HOMEM — Onde tiver borracheiro. Aí na cidade vizinha deve ter um.
CORTE PP da moça	MOÇA — O senhor faria isso pra gente?
CORTE PP do homem	HOMEM — Não. Eu não posso.
CORTE PA dos dois	MOÇA — Olhe, moço, eu sou uma professora de recreação do Instituto Pato Donald. Meu nome é Vera. Saímos para um piquenique e eu tenho de voltar com as crianças antes que anoiteça. Tenho que dar um jeito. Se o Senhor não pode ajudar a gente, pode nos dizer quem nos ajudaria?

HOMEM — Quem vai poder lhe ajudar eu não sei, só sei que eu não posso.

VERA — E o que é então que o Senhor faz aqui que o impeça de fazer um favor a essas crianças?

HOMEM — Olhe, moça. Eu sou um militar. Meu nome é Valdir. Sou sargento. Estou em missão especial. Zelo pelo sossego de uma autoridade.

VERA — Muito bem; e se eu falar com essa autoridade?

VALDIR — Desculpe, mas isso não é possível. Você não deve nem vê-la.

VERA — Mais um motivo para você me ajudar. Entenda, por favor. Os pais destas crianças vão ficar loucos se eu não voltar até à noite.

CORTE
PM

Criançada rodeando Valdir.
— Ajuda a tia Vera, moço!

CORTE
PA

— Tia, ele vai levar a gente?
Valdir indeciso.

VALDIR — Tá bom! Tá bom! eu vou falar com o homem, se ele for favorável eu ajudo vocês, mas não prometo nada.

CORTE
PM da cena, recuando
para enquadrar Valdir.

Sai em direção à porteira.
Vera, cercada pelas crianças, passeia pela estrada. Mostrando as árvores, os passarinhos e borboletas às crianças.

Valdir voltando e dirigindo-se a Vera. Vem a passos largos e com um sorriso.

CORTE
PA dos dois

VALDIR — Deu certo, o homem concordou. É um cara muito bom, sabe? Mas vamos resolver isto o quanto antes.

CORTE
PA Valdir

E se dirige à Kombi.
Valdir tirando o pneu do porta-bagagem.
VALDIR — Eu não devo demorar muito. Uma meia hora, eu acho. Enquanto isto, evitem de caminhar aí pelo mato. Lá mais na frente tem um rio e uma cascata que acabam em um despenhadeiro. Fundo às pampas.

CORTE
PA — Vera

CORTE
PM na cena

CORTE
PA — Vera

PM da cena
aproximando para
enquadrar só a Kombi

CORTE
PA — Vera

CORTE
PM da cena

CORTE
GP — fazendo o
círculo e mostrando a
criança chamada

CORTE
PM da cena
GP — Valter

CORTE
PM — Cena

VERA — Puxa! Vou ter de tomar cuidado com as crianças. Obrigada, sr. Valdir.

Valdir sai rolando o pneu em direção ao carro preto, observado por Vera, enquanto algumas crianças brincam ao lado.

Batendo palmas.

VERA — Vamos, crianças. Andem. Todas aqui comigo. Vamos brincar de anel.

As crianças correm em direção a Vera. Uma delas se esconde atrás da Kombi.

VERA — Não tem graça mais, Beto. Eu já vi você. Ande pra cá.

Beto insiste em ficar escondido.

Vera se dispendo a sair até à Kombi.

VERA — Está bem, eu vou aí buscar você.

Vera vai até à Kombi e pega Beto pelo braço e o traz para junto das outras crianças.

VERA — Você queria pregar um susto na titia, não era? Agora vamos brincar de chicote queimado. Vamos fazer um círculo.

As crianças se dispõem sentadas fazendo um círculo. Vera fica no centro.

VERA — Muito bem, vamos ver quem vai sair primeiro! Todos prontos? Vejamos.

(À proporção em que ela vai dizendo o nome da criança, esta responde — Pronto!)
Pára de repente.

VERA — E Carolina, onde está ela?

VALTER — Ela foi fazer xixi.

VERA — Onde?

VALTER — Ali no mato (aponta para o bosque).

- CORTE
GP — Vera
- Vera leva as duas mãos à cabeça, em atitude de pavor.
VERA — Minha Nossa, que loucura!
- CORTE
PM — Cena afastando para enquadrar a Kombi — Câmara aproxima até à Kombi
- CORTE
PG
- CORTE
PM — Cena acompanhando Vera.
- CORTE
PG — Panorâmica horizontal afasta para enquadrar VERA.
- CORTE
PM da cena
- CORTE
PA — VERA afasta p/PM
- CORTE
PM — Cena, afastando para PG
- Vera junto à Kombi, tendo à sua frente o bosque. Vera sai gritando.
VERA — Lina! Onde está você! Lina... (Entra pela cerca e sai, vai na direção indicada pelo menino, sempre chamando por Lina).
O bosque. Mais fechado; mais denso; mais difícil de caminhar.
VERA totalmente despenteada, e com aspecto cansado.
VERA — Lina! Onde está você? Responda! Lina!
Sai correndo por entre a folhagem.
Lina segue um pequeno animal.
LINA — Não corra, bichinho. Eu não vou matar você. Só quero você pra mim. Ande. (De repente ela pára e fica atenta, ouvindo um grito)
LINA — Titia, estou aqui. Tem um bichinho.
Vera, ouvindo e fazendo um sorriso de felicidade. Muda um pouco de direção e segue por entre a folhagem.
Um homem de cabelos grisalhos, em roupa de pescaria, está semiescondido pela folhagem

Afastando para
PGA

CORTE

PM da cena
afastando p/PG
e enfocando as duas

CORTE

GP — Vera

Afasta p/PM

CORTE
GP

CORTE

PM da cena

CORTE
PM — Cena

CORTE

PM — Cena

e, de vez em quando, olha em redor como se temesse ser descoberto. Aos poucos vai até à margem do rio, apanha o caniço, examina cuidadosamente a isca e arremessa. O rio faz uma corredeira pelo meio, mas é calmo perto das margens. Lá bem adiante, nota-se uma cachoeira. O homem acomoda-se sobre uma pedra e continua sua pescaria.

Vera está parada olhando para a folhagem. Lina está lá na frente. Olhando para ela.
LINA — Venha aqui, titia. Tem um bichinho ali na frente. Vamos pegar ele. Venha! (E sai correndo).

VERA — Não, Lina! Não vá!

Sem perceber, aproxima-se do precipício. Lina continua correndo atrás do bichinho, até que em um movimento escorrega pelo barranco e se projeta no precipício.

Vera, levando as mãos ao rosto, enquanto solta um grito de pavor.

— Lina! Não! Lina, a,a,a,a!

Vera se projeta para a margem do precipício e com algum cuidado olha para baixo.

Lina está 15m abaixo, está a 1/3 do total do precipício, em uma saliência, presa por um arbusto. Não se move.

Vera se dispõe a descer o barranco, mas logo desiste em ver que não conseguiria em absoluto.

VERA — Lina! Lina! Responda! Lina! Lina! Oh meu Deus! Socorro! Alguém me ajude!

E sai correndo pela folhagem até perder-se na curva do caminho.

CORTE
PM — Cena

O homem que está pescando escuta os gritos de socorro, levanta a cabeça e fica atento por um instante.

CORTE
PA

— Jesus Cristo! Que é que anda havendo hoje? Primeiro, um pneu furado, agora esses gritos. Parece que hoje eu não vou ter o sossego que ando buscando. Já vi que... (Pára de repente e faz um gesto de como se acabasse de lembrar de algo) — Espere! Valdir me falou de uma moça com uma Kombi cheia de crianças, será que aconteceu alguma coisa a uma delas? Acho bom ir ver se posso ser útil.

CORTE
PM — Cena
CORTE

Apanha os apetrechos de pesca, sobe a pequena elevação e se perde dentro do mató.

PGA
Aproximando
p/PG
Aproximando
p/PM do carro preto

Um carro preto se aproxima a grande velocidade de uma pequena cidade com casas, todas baixas, sem muito luxo. Um lugar típico de zona rural. Na rua principal há um pequeno movimento de pessoas e alguns carros parados.

O carro não diminui de velocidade, e só vai parar, em uma brecada brusca, em frente a um bar, de onde vai saindo um rapaz.

CORTE

Valdir (o motorista) põe a cabeça fora do carro e pergunta:

PA dos dois

VALDIR — Ei, onde é que tem um borracheiro por aqui?

RAPAZ — Bem aí na frente. Mas ele já deve estar fechado. É ali, ó (apontando) naquela casa de porta grande.

CORTE

VALDIR — Obrigado.

PM — Cena

O carro sai em uma arrancada e pára logo adiante, bem junto a uma porta larga, que um homem empurrava, fechando-a.

CORTE
PA — Valdir
CORTE

VALDIR — É o borracheiro? (O homem não responde) Valdir insiste: Ei, você é borracheiro?

PA — Borracheiro

CORTE

PA — Valdir

CORTE

PA — Borracheiro

CORTE

PM — Cena

CORTE

PA -- Borracheiro

PM — Cena

CORTE

PM — Cena

CORTE

PA dos dois

BORRACHEIRO — Sou. Mas já estou fechando por hoje.

VALDIR — Eu tenho um pneu para conserto. Você não vai fazer?

BORRACHEIRO (sem se voltar) — Já desliguei as máquinas.

Valdir desce do carro, rodeia-o e chega bem perto do borracheiro.

VALDIR — Pode parar aí, chefe. Não ponha o cadeado, porque senão vai ter de abrir outra vez. Eu sou da Polícia e preciso desse pneu consertado em 15 minutos! (O borracheiro começa a fazer ar de medo) e se ele não estiver pronto nesse tempo eu meto você no xadrez durante dois meses...

(Completamente apavorado)

BORRACHEIRO — Desculpe, doutor. Eu não sabia. Eu já faço o serviço.

O borracheiro rapidamente reabre a porta e, entrando, religa as máquinas.

Vera continua correndo pelo caminho e em dado momento vê o pescador que vem ao seu encontro. Vera parece ganhar forças novas e em um instante está frente à frente com o homem que a segura para que ela não caia.

VERA — Graças a Deus. O Senhor tem de me ajudar. (Vera fala descontroladamente) Ela caiu. O Senhor tem de tirá-la...

(O homem está atônito. Dá uma sacudida em Vera, para tirá-la do choque).

PESCADOR — Calma. Você está em crise de histeria. (A moça se acalma). Pronto, agora me diga o que aconteceu. Quem é você? Por que está assim?

VERA (ainda chorando) — Meu nome é Vera... sou professora... o meu carro furou o

pneu e uma das crianças que ia comigo caiu no despenhadeiro. (O pescador ficou lívido)...

PESCADOR — Jesus Cristo! E agora?

VERA — Ela ficou presa nuns matos, mas eu não sei se ela está viva ou não. Eu quis descer mas não pude...

PESCADOR — É muito fundo?

VERA — O barranco é, mas até onde ela está deve dar uns 16 a 18 metros.

PESCADOR — Vamos buscar ajuda.

VERA — Não adianta, a cidade mais próxima fica a três quilômetros e o meu carro está com o pneu furado. O senhor tem de me ajudar.

PESCADOR — Não! Eu não poderia. Sou muito velho pra fazer uma coisa que você disse que não pode.

VERA — Mas ela pode cair o resto do barranco. Por favor, senhor. Não deixe ela morrer.

PESCADOR — Vamos até lá! Pelo menos podemos ver o que fazer.

CORTE

PM — Cena

E saem em passos rápidos.

PM — Cena

O borracheiro termina de calibrar o pneu.

BORRACHEIRO — Pronto, doutor. Já tá bom.

VALDIR — Quanto foi o serviço?

BORRACHEIRO — Nada não, doutor. Ora se eu ia cobrar uma basteira dessas do senhor? Pode levar. Quer que eu bote no carro?

VALDIR — Por favor.

O borracheiro sai com o pneu, enquanto Valdir rodeia o carro, entra nele e liga a ignição.

VALDIR — V nha cá (chama o borracheiro, que o obedece imediatamente). Valdir lhe estende uma nota.

VALDIR — Tome para o cigarro.

Vera e o pescador estão na margem do precipício. O pescador olha de relance para baixo e vê a menina.

(Detalhe da menina ainda inerte)

PESCADOR (virando-se e apoiando a cabeça com a mão) — Jesus! Por que é que tinha de acontecer isto?

Nota-se que o pescador está meio tonto.

PESCADOR — Está bem, dona Vera. Eu vou descer. Sinceramente, eu não sei se vou conseguir tirá-la de lá, mas farei o possível. (Começa a desenrolar um cabo de entre os seus apetrechos de pesca.) Agora, quero que me prometa que se alguma coisa me acontecer, não vai esquecer o meu nome. Eu me chamo GUILHERME MAGALHÃES.

VERA — O senhor é a autoridade que o sr. Valdir falou?

GUILHERME — Esqueça essa história de autoridade. Me chame só Guilherme.

(Terminando de amarrar o cabo firme em um arbusto, começa a descida. Sempre de costas e seu olhar para baixo. Percebe-se que cada movimento do homem é mais forçado. O suor já transporece em seu rosto.)

(O sangue parece que sumiu do rosto de Guilherme, que faz um terrível esforço para se manter-lúcido.)

CORTE

PM — Cena

CORTE

PM — Lina

CORTE

PM — Cena

CORTE

GP do pescador

CORTE

PA — Vera

PA dos dois

CORTE

PM — Cena

GP — Guilherme

CORTE

PM — Cena

CORTE

PG

CORTE

(De dentro do carro)

PM da estrada

CORTE

PM da cena

CORTE

PM da cena

Afasta p/PG

Enquadra

Valdir

CORTE

PM da cena

Enfim, chegado ao local onde está a menina, a muito custo, ele consegue soltar-se do cabo e depois amarrar a menina à folhagem e, em seguida, com um grito rouco, tomba junto à criança.

POR CAUSA DE LINA

Parte 2

O carro preto de Valdir desliza a grande velocidade na estrada, deixando atrás de si uma nuvem de pó. Valdir faz um aspecto aliviado ao ver a Kombi adiante. A noite começa a se formar.

Valdir pára o carro junto à Kombi.

Valdir vai até à Kombi e vê os meninos presos dentro dela.

VALDIR — Onde está dona Vera? (A um dos meninos.)

FRED — Foi buscar a Lina e não voltou mais.

VALDIR — Faz tempo?

FRED — Foi assim que o senhor saiu. Nós ouvimos ela gritando socorro. Socorro!

(O diálogo é interrompido por um grito: Socorro!)

FRED — Tá vendo? Ela começou a gritar outra vez.

Valdir sem mais nada dizer vai correndo em direção de onde provêm os gritos.

Vera, completamente fora de si, vem correndo por entre o matagal.

Valdir correndo em direção a Vera.

Os dois se encontram.

Vera, segurando Valdir pelo braço e puxando-o.

VERA — Vamos! Depressa, por favor.

VALDIR — Que foi que houve?

VERA — Ele caiu. Tá lá em baixo, sangrando pelo nariz.

VALDIR — Minha Nossa Senhora! E agora? Eu sabia que isto ia sair mal. Eu sabia, eu sabia... (e meio brusco). Vamos lá, moça. Vamos ver o que você arrumou.

CORTE

PM — Cena

CORTE

PM — Cena

CORTE

PM - Cena

Câmara afasta

CORTE

PGA — Cena

CORTE

PA — Vera

CORTE

PM - Cena

Câmara acompanha
em PM

Saem andando até se perderem no mato.

Vera e Valdir chegando à margem do barranco.

VERA — Foi aqui! Ele está lá embaixo.

Valdir se debruçou e olhou.

Barranco, com o homem e a menina deitados na saliência.

Valdir se prepara para descer.

VALDIR — Você vai ter de ir ao hospital. Você conhece, não?

VERA — Claro que conheço; logo depois da cidade.

VALDIR — Isto. Pegue o meu carro. Vá voando. Peça pra trazerem socorro.

VERA — Certo.

VALDIR — As chaves estão no carro.

Valdir começa a descer e Vera sai por onde tinha vindo.

Carro preto chegando ao portão de um hospital. Já está quase totalmente escuro. Vera, no carro preto, pára diante do portão e chama o vigia.

VERA — Boa tarde. Olhe, eu quero falar com o médico responsável, é um caso de vida ou morte.

PORTEIRO — Desculpe, moça, mas não é permitida a entrada de estranhos. Isto aqui é um hospital de pesquisa cardiológica. Não atende a casos de rotina.

VERA — Olhe, moço, se o senhor não abrir já o portão, eu vou passar por cima dele, e por cima de quem ficar na frente.

PORTEIRO — Você não pode fazer isso.

VERA — Não posso? Pois vai ver. (Engrena a marcha acelera e arranca).

Porteiro apavorado, grita.

PORTEIRO — Não! Eu abro. Eu abro.

(Vera breca o carro, o porteiro, tremendo, abre o portão e Vera entra com o carro, até parar diante do pavilhão principal)

CORTE

PM - Cena

Interior do hospital. Balcão da recepção. Há uma enfermeira e um jovem médico examinando algumas fichas. Vera vem se aproximando em passos rápidos. O jovem médico a observa. MÉDICO (para a enfermeira) — Opa! Temos cara nova por aqui?

ENFERMEIRA — Não que eu saiba.

MÉDICO — Visita não é. Está terminantemente proibida qualquer visita ao hospital.

ENFERMEIRA — Vai ver é gente de algum médico.

(Vera pára junto aos dois e se dirige à enfermeira).

VERA — Olhe, eu tenho um problema de vida ou morte. Com quem eu devo falar?

ENFERMEIRA — Moça, eu acho que você se enganou. Isto aqui é...

VERA (interrompendo) — Já sei; um hospital de pesquisa cardiológica. E só por isso vão deixar o homem morrer?

ENFERMEIRA — Olhe, moç...

VERA (interrompendo novamente) — Está bem, se você não quer me dar a informação eu vou sair por aí gritando até alguém me atender.

MÉDICO — Calma, moça. Você está em estado de choque.

VERA — Claro! Com duas pessoas às portas da morte, eu tenho de estar em choque.

ENFERMEIRA — Espere que eu vou chamar o Dr. Arnaud.

MÉDICO — Deixa, eu vou com ela até lá.

ENFERMEIRA — Está bem. Eu sei que não vai dar em nada mesmo.

CORTE

(O médico pega Vera, pelo braço, e sai com ela pelo corredor. Conversam até se perderem na esquina do corredor.)

PM - Cena

Um médico de cabelos grisalhos está reunido com seis outros médicos jovens. Estão no interior de uma sala cheia de equipamentos.

CORTE

PA dos 3

Um dos jovens médicos vai atender.

Vera e o médico que a trouxera estão à porta e interpelam ao que viera abrir.

CORTE

PM - Cena

MÉDICO 1 — Quer chamar o Dr. Arnaud? É urgente.

(O jovem médico sai, deixando a porta entreaberta. Logo em seguida surge o médico mais velho.)

MÉDICO MAIS VELHO — Pois não!?

MÉDICO 1 — Dr. esta moça diz que está com um problema e quer ajuda.

ARNAUD — Está bem, vamos ouvi-la. Entre, por favor.

(Eles entram e sentam os três.)

ARNAUD — Pois não, o que é que há?

VERA — Não é comigo pessoalmente. Mas com um homem e uma criança, estão no despenhadeiro, no rio aqui perto. A menina eu não sei como está, mas o homem parece estar mal.

ARNAUD — E o que você propõe?

VERA — Ora, que se vá lá, o sr. Valdir pediu que mandassem socorro. Afinal Lina e o sr. Guilherme podem morrer...

ARNAUD — Espere! Como foi que você falou?

VERA — Eu,...

ARNAUD — O nome! O nome do homem!

VERA — Guilherme...

ARNAUD — Guimarães?

VERA — Sim, senhor!

ARNAUD — Você tem certeza?

VERA — Absoluta! Foi uma das coisas que ele pediu pra eu me lembrar.

ARNAUD — E como está ele? Onde está? descreva a situação.

VERA — Foi assim: A Lina caiu no barranco; eu pedi ajuda a ele. Ele desceu e quando chegou lá começou a sangrar pelo nariz e desmaiou.

ARNAUD — (Virando-se para os jovens) — Ei vocês, vão à sala de cirurgia, preparem tudo; um vá até as viaturas e procure saber quantos estão aí. Enquanto isto, apanhava o telefone e discava rápido:

— Alô! quer me chamar o Dr. Robson?...

Pois não (silêncio)! Alô! Robson? Temos uma bomba na mão. Aguarde-me aí.

CORTE

PA-ARNAUD

CORTE

Arnaud se ergue e chama Vera para ir con-

PA - Cena

sigo. Saem os três e a porta se fecha atrás deles.

Um amplo gabinete está atrás do birô. A porta se abre. Entram Arnaud e Vera.

ROBSON — Então o que há?

ARNAUD — Essa moça está me dizendo que Guilherme Magalhães está inconsciente, sangrando, no meio da ladeira do barranco do Rio Novo.

ROBSON — Você tem certeza do que está dizendo?

VERA — Claro que sim. O Sr. Waldir desceu pra ajudá-lo.

ROBSON — Santo Deus! Eu falei mil vezes que ele não devia ter saído daqui. Você já imaginou a nossa responsabilidade, Arnaud? A identidade do homem não podia nem ser revelada!

ARNAUD — Ora, ora. Não tem mais jeito. Se os sintomas que ela descreveu são verdadeiros temos que tirá-lo de lá imediatamente, e sem que ele faça nenhum esforço, e tem mais, tem de ser logo.

CORTE

PA - Robson

Pegando o telefone e discando.

ROBSON — Alô! é da chefatura? Pode me passar para o delegado Almir? Como? Não está? Escute, aqui é o chefe do hospital de cardiologia, e o que tenho para falar com o delegado é assunto muito importante. Procure-o, sim! Eu aguardo. (Passam-se dois segundos). Alô! Almir? É sim. Olhe, eu quero que você mobilize todas as suas viaturas e mande cercar toda área da queda d'água do Rio Novo.

CORTE

PA - Almir

Na delegacia, um homem magro de bigode fino.

CORTE

PA - Robson

ALMIR — Que foi que houve?

ROBSON — Sabe o Guilherme? Sim, o Ministro. Está em perigo. Se alguém sabe disso antes de nós, estamos enrascados.

CORTE

PA - Almir

ALMIR — Caramba, homem! E o que diabos está fazendo Waldir? Quem é? O homem que eu pus à disposição do Ministro.

PM - Cena

CORTE

PA - Robson

CORTE

PA - Almir

CORTE

PA - Robson

CORTE

PA - Almir

CORTE

PM - Cena

CORTE

PM - Cena

CORTE

PM - Cena

CORTE

PA - Reinaldo

CORTE

Robson, Arnaud e Vera.

ROBSON — O delegado está perguntando por um tal de Waldir! Que é que você sabe a respeito?

VERA — Ele está lá...

ARNAUD (interrompendo) — É uma longa estória, que ela já me contou. Não vai resolver nada. Diga para o delegado se mexer, é rápido.

ROBSON — Almir: Providencie para que os carros saiam já. Outra coisa: providencie um helicóptero.

ALMIR — Mas nós não temos um helicóptero aqui. Onde tem um é na cidade vizinha.

ROBSON — Ligue pra lá, diga que mandem já.

ALMIR — Está bem, eu vou tentar dar um jeito. (Desligar o telefone. Tornou a ligar).

ALMIR — Alô! Departamentno de Viaturas? Sargento, me providencie todas as viaturas e pessoal disponível e leve até o hospital, lá o Dr. Robson vai indicar um lugar pra vocês irem. Isto é urgente. (Desligar novamente). (Levantou-se e foi até a porta.)

ALMIR — Praça!

No corredor, um soldado que passava perfilou-se.

SOLDADO — Pronto!

ALMIR — Chame o cabo Reinaldo. Rápido.

SOLDADO — Sim, senhor. (E sai quase correndo. O quartel está em completo reboliço.)

(Gabinete de Almir) — Um soldado terrivelmente magro entra no gabinete.

REINALDO — Pronto, delegado!

ALMIR — Reinaldo, telefone pra cidade vizinha e peça prá mandarem um helicóptero para cá, imediatamente. Nós estamos com um problema. O seu trabalho principal vai ser não deixar a notícia espalhar. O negócio é o seguinte...

Carro da polícia e ambulâncias se misturam no pátio do hospital. Médicos e policiais se misturam. Já há uma pequena confusão.

REINALDO (no telefone) — Alô! Por favor me chame o Neto. É importante. Diz a ele que é o Reinaldo.

PM - Cena

Redação de uma televisão. Homens trabalham. Alguém grita. — Neto, telefone.

CORTE

NETO — Agüenta aí, Leão, eu já volto. Vê se prepara essa notícia que já faltam só 5 minutos (e se afasta).

PA - Neto

NETO — Alô. Reinaldo? Que é que há? notícia? notícia?

CORTE

PA - Reinaldo

REINALDO — Um furo! Furo alto! Quanto é que eu levo? 500! Pegar ou largar.

PA - Neto

NETO — Solta aí bicho. Se for “mincha” eu não pago.

CORTE

PA - Reinaldo

REINALDO — Feito, então lá vai. Agora, tu tens que me deixar de fora. Bom, é o seguinte. . .

PA - Neto

NETO (Desligando o telefone) — Leão! Leão! Pára tudo aí, bicho, tem uma bomba aqui.

CORTE

(E sai correndo até à redação).

PM - Cena

Sala de uma residência. Televisor aberto. O programa que está sendo apresentado sai do ar e surge um apresentador:

PG - Televisor

— “O Sr. Guilherme Guimarães, Ministro das Relações Exteriores, que se presumia viajando pelo interior, foi localizado na cidade de Correntes, onde sofreu um acidente. No exato momento policiais e médicos se mobilizam para dar uma segurança total ao ministro.

“O Sr. Guilherme, Ministro das Relações Exteriores, se encontrava em tratamento no hospital de cardiologia da cidade de Correntes e apenas as autoridades estavam cientes da sua presença. Estava o Sr. Ministro sob um rigoroso tratamento de uma rara “distonia” cardíaca e de uma grande fobia a altitudes.

CORTE

“Hoje, quando fazia uma pescaria, vigiado por um guarda-costas, no Rio Novo, foi forçado a tentar o salvamento da criança Carolina Maria Medeiros, que caíra no barranco do mencionado rio, e, não resistindo à altitude, desmaiou e se encontra muito mal, não tendo sido ainda socorrido”. Rua da cidade. Carros da polícia e ambulâncias, todos de sirenes ligadas cortam a cidade. As ruas ficam totalmente engarrafadas e cheias de gente.

PG - Cena

CORTE

PM - Carro

Carro da polícia, com 3 passageiros.

Aproxima para PA

ALMIR — Parece que aquele miserável locutor da televisão conseguiu formar um tumulto na cidade.

POR CAUSA DE LINA

Epílogo

PM - Cena
CORTE
PM - Cena

Ruas e praças da cidade, completamente vazias.

Sala de rádio da delegacia de polícia. O operador está recebendo uma mensagem.

RÁDIO — Quarto Distrito, Ribeira transmitindo para 13.º Distrito, responda.

OPERADOR — 13.º Distrito respondendo chamado do 4º, ouvimos bem, prossiga.

RÁDIO — Helicóptero a caminho. Repetindo: helicóptero a caminho. Pode entrar em contacto com ele através da onda de 25 m. O prefixo é VA-17.

CORTE

OPERADOR — Entendemos. VA-17, na faixa dos 125 m. Recebido e desligo.

PM - Cena

Carros da polícia estão cercando toda a área onde a Kombi está estacionada. As luzes dos carros estão ligadas e assim o bosque está totalmente iluminado.

CORTE

Os policiais estão por toda parte e impedem a passagem da população da cidade, que parece ter acorrido ao local.

PM - Cena

A margem do despenhadeiro. Uma legião de médicos está reunida. Uma clareira foi aberta e os bombeiros providenciam o resgate de Lina.

O Dr. Arnaud acaba de subir do barranco.

ROBSON — Como estão? Como está ele?

ARNAUD — Como se esperava que ele estivesse. Não está totalmente mal. O guarda-costas trabalhou muito bem. Mas, apesar de tudo, eu acho uma temeridade tentar resgatá-lo pela escada.

ROBSON — E a menina?

ARNAUD — Está bem. Já a estão trazendo.

ROBSON — É, infelizmente, aquele repórter tinha que espalhar a notícia daquela maneira. A mãe da menina não está nada bem.

CORTE

PM - Cena

ARNAUD — Você não faria o mesmo? É profissão, meu velho. A culpa foi de quem soltou a notícia. Algum dos nossos, ou talvez da polícia.

Uma turba de fotógrafos e repórteres tenta romper o bloqueio da polícia.

REPÓRTER — Isso é abuso de autoridade. Vocês não vão poder esconder o homem o tempo todo!

CORTE

PM - Cena

POLICIAL — Desta vez, não vai passar ninguém e é bom não insistir. Na margem do despenhadeiro.

ROBSON — Delegado? como está a vinda do helicóptero?

ALMIR — Até agora nada confirmado. Eu já recomendei para os bombeiros para prepararem um elevador de cordas.

CORTE

PM - Cena

Observa-se um congestionamento de pessoas junto da escada colocada pelos bombeiros, no barranco.

Um policial traz Lina nos braços. Vera corre ao encontro dele.

VERA — Lina, você está bem?

CORTE

LINA — Tia Vera, vamos pra casa!

PM - Cena

Vera abraça a menina e se afasta.

O delegado está junto a um policial com um rádio de campanha. Escuta uma mensagem. De repente sai correndo em direção de Robson.

CORTE

PM - Cena

ALMIR — Conseguimos, doutor. Conseguimos! O helicóptero está chegando.

ROBSON — Graças a Deus, meu caro. Graças a Deus.

CORTE

PM - Cena

A saliência, no meio do barranco.

O ministro ainda está deitado. Tem colocadas nos braços agulhas que lhe transmitem sangue. Um médico e Waldir estão junto dele.

O céu. Começa a aparecer uma silhueta. O helicóptero.

A saliência do barranco.

O Ministro escuta o ar e percebe o ruído do helicóptero. Faz um sorriso.

CORTE

PM - Cena

GUILHERME — Eu nunca me senti tão feliz ao ouvir o ruído de um helicóptero.

O helicóptero se aproximando.